



Ispas

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

Violação de crenças e objetivos de vida: A escala adaptada de Violação de Sentido Global (GMVS) é adequada na deteção de discrepâncias entre sentido global e sentido situacional?

Tatiana Carneiro

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Lisa Matos

Professor de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Lisa Matos

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2025

Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação de Prof. Doutora
Lisa Matos, apresentada no ISPA –
Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na
especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Quando iniciei este ano, sentia-me profundamente fragilizada, sem acreditar que teria forças para concluir este percurso. Houve dias em que a esperança parecia distante e em que a dúvida pesava mais do que a confiança. Hoje, ao olhar para estas páginas, reconheço que só foi possível chegar até aqui porque encontrei apoio, paciência e presença em pessoas maiores do que eu. Este trabalho é também fruto desse cuidado, que me ajudou a reencontrar sentido mesmo nos momentos de maior escuridão.

À minha orientadora, Dra. Lisa Matos, agradeço o rigor científico e a exigência constante. Teve a coragem de enfrentar o meu desespero com firmeza, sem ceder à tentação de me dar respostas prontas. Houve momentos em que não sabia bem se estava a receber um elogio ou um ralhete, mas, talvez esteja aí a sua marca mais valiosa: obrigou-me a sair da minha zona de conforto, a pensar melhor, com mais clareza e a procurar sempre maior profundidade. Essa mistura de dureza e orientação foi, paradoxalmente, o que me sustentou e moldou este trabalho.

À colega, Catarina Huerta, que com generosidade cedeu os dados que tornaram este estudo possível, agradeço a confiança e a partilha. O seu contributo foi mais do que instrumental, foi um gesto de colaboração que deu corpo à ideia de que a investigação também se faz de encontros e apoios mútuos.

À minha família, que foi o verdadeiro alicerce em todos estes anos. Ao meu marido, pela paciência infinita e pela força constante nos dias em que a minha energia parecia esgotada. Às minhas filhas, pela ternura e pela forma como me lembraram, com pequenos gestos, o que realmente importa. Foram eles que me mostraram que o sentido da vida não se esgota nas páginas de uma dissertação, mas se renova no cuidado, no afeto e na presença quotidiana.

Aos amigos, que me ajudaram a manter o equilíbrio, agradeço as conversas, as pausas e as risadas que me resgataram nos momentos de maior exigência. Foram eles que me recordaram que a vida só encontra sentido quando ela é partilhada.

E, acima de tudo, agradeço a Deus. Não apenas pela serenidade e esperança, mas por ser Ele a fonte do verdadeiro sentido da vida, o propósito maior que sustenta cada esforço e cada conquista. Foi Nele que encontrei direção, força e razão última para esta caminhada.

Porque se este trabalho fala de sentido, foi em cada um de vocês que encontrei o meu.

Resumo

A exposição a eventos potencialmente traumáticos pode desafiar crenças e objetivos centrais (i.e., sentido global), percebidos como violações de expectativas de vida, conduzindo a processos de procura de sentido para reparar essas discrepâncias. Este estudo misto analisou a adequação da versão portuguesa adaptada da *Global Meaning Violations Scale* (PolMar_GMVS_PT) para avaliar discrepâncias entre sentido global e sentido situacional em 48 agentes da Polícia Marítima Portuguesa (PMP) envolvidos em missões humanitárias no Mar Mediterrâneo. A componente quantitativa comparou medidas pré e pós-missão por meio de estatísticas descritivas e do teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas. Os resultados revelaram diferenças estatisticamente significativas, embora de pequena magnitude, entre as pontuações globais ($p < ,05$), com maiores médias de alteração percebida nos itens “mundo justo”, “outras forças que controlam o mundo” e “realização profissional”. A componente qualitativa, baseada em análise temática das entrevistas, explorou a aplicabilidade da escala. Identificaram-se três temas: (1) Acesso, Compreensão e Desenvolvimento do Raciocínio, evidenciando que a estrutura tripartida estimulou reflexão e revisão cognitiva; (2) Clareza e Compreensão dos Construtos, destacando o papel do intermediador na compreensão de itens abstratos; e (3) Reforço e Captação de Mudança Percebida, indicando que as missões reforçaram mais frequentemente crenças pré-existentes do que as violaram. Conclui-se que a PolMar_GMVS_PT apresenta potencial para identificar reforços e mudanças no sistema de sentido, requerendo mediação por profissional familiarizado com os construtos para assegurar compreensão conceptual e segurança emocional. Estes resultados oferecem evidência preliminar sobre a pertinência da GMVS no contexto português e sugerem a necessidade de estudos futuros com amostras mais amplas.

Palavras-Chave: atribuição de sentido; ajustamento psicológico; sentido da vida; missões humanitárias; GMVS.

Abstract

Exposure to potentially traumatic events can challenge core beliefs and goals (i.e., global meaning), perceived as violations of life expectations, leading to meaning-seeking processes to repair these discrepancies. This mixed-method study analyzed the suitability of the adapted Portuguese version of the Global Meaning Violations Scale (PolMar_GMVS_PT) to assess discrepancies between global meaning and situational meaning in 48 Portuguese Maritime Police (PMP) officers involved in humanitarian missions in the Mediterranean Sea. The quantitative component compared pre- and post-mission measures using descriptive statistics and the Wilcoxon test for paired samples. The results revealed statistically significant, albeit small, differences between global scores ($p < .05$), with higher average perceived change in the items “just world,” “other forces controlling the world,” and “professional fulfillment.” The qualitative component, based on thematic analysis of the interviews, explored the scale's applicability. Three themes were identified: (1) Access, Understanding, and Development of Reasoning, demonstrating that the tripartite structure stimulated reflection and cognitive revision; (2) Clarity and Understanding of Constructs, highlighting the role of the intermediary in understanding abstract items; and (3) Reinforcement and Capture of Perceived Change, indicating that the missions reinforced preexisting beliefs more often than they violated them. We conclude that PolMar_GMVS_PT has the potential to identify reinforcements and changes in the meaning system, requiring mediation by a professional familiar with the constructs to ensure conceptual understanding and emotional security. These results offer preliminary evidence on the relevance of the GMVS in the Portuguese context and suggest the need for future studies with larger samples.

Keywords: meaning making; psychological adjustment; meaning in life; humanitarian missions; GMVS

Índice

Índice de tabelas.....	VII
Índice de figura	VII
Introdução	2
Enquadramento teórico	5
1. Sentido da vida e ajustamento psicológico a acontecimentos adversos.....	5
2. Violação de sentido e evidência empírica do modelo	12
3. Exposição traumática e ajustamento psicológico em profissionais na linha da frente.	14
Método	16
Desenho do Estudo.....	16
Participantes	16
Materiais	17
Adaptação da GMVS	17
Procedimento	19
Análise de Dados.....	20
Resultados	21
Dados Quantitativos.....	21
Dados qualitativos	23
Tema 1 – Acesso, compreensão e desenvolvimento do raciocínio (Processo)	24
Tema 2 — Clareza e Compreensão dos Construtos (Conteúdo)	25
Tema 3 — Reforço e Captação de Mudança Percebida (Medida)	27
Discussão	29
Especificidade da profissão de policial e o predomínio do reforço.....	34
Conclusão.....	35
Implicações clínicas	36
Limitações e futuras direções	37
Referências.....	39
Anexo	46
Anexo 1 – Global Meaning Violation Scale - PolMar_GMVS_PT	46

Índice de tabelas

Tabela 1.....	22
Tabela 2.....	23

Índice de figura

Figura 1	29
----------------	----

Introdução

A violação de sentido global tem sido reconhecida como um construto importante para compreender o ajustamento psicológico em contextos de sofrimento extremo. Segundo Park (2010), a percepção de discrepância entre o significado atribuído a um acontecimento, designado de sentido situacional, e as crenças e objetivos centrais previamente estabelecidos, isto é, o sentido global, pode desencadear processos de procura de sentido que visam reduzir a discrepância e, conseqüentemente, o sofrimento associado à percepção dessa discrepância. Este processo foi também descrito por Janoff-Bulman (1989), ao destacar como acontecimentos traumáticos desafiam pressupostos fundamentais sobre justiça, benevolência e controlo.

A procura de sentido está frequentemente associada a situações de sofrimento, funcionando como um processo central de ajustamento psicológico (Frankl, 1946/2005; Steger & Frazier, 2005). A investigação nesta área sugere que, a forma como os indivíduos interpretam experiências adversas influencia de modo significativo o ajustamento psicológico (Martela & Steger, 2016) e que, segundo Park (2010), a percepção de discrepância entre o sentido situacional e o sentido global, constitui um determinante-chave do processo de procura de sentido, que visa, então, reduzir a discrepância e o sofrimento. Neste quadro, a *Global Meaning Violations Scale* (GMVS – Escala de Violação de Sentido Global; Park et al., 2016) tem-se afirmado como um dos principais instrumentos para avaliar a magnitude das violações de crenças e objetivos de vida (i.e., sentido global) perante o confronto com acontecimentos traumáticos. Apesar da sua relevância, a aplicação da GMVS em contextos culturais distintos ainda é limitada, e a adaptação para a população portuguesa, utilizando o formato tripartido sugerido por Matos e colegas (2022a) para aceder de forma mais precisa ao construto de violação de sentido global, distinguindo crenças e objetivos pré e pós-evento, não tinha, até ao momento, sido testada. Este trabalho constitui a primeira análise da GMVS nesse formato, recorrendo a dados previamente recolhidos por Huerta (2023), com o objetivo de explorar a

sua adequação e utilidade.

O objetivo central deste estudo foi avaliar a capacidade da versão portuguesa da GMVS em formato adaptado para aceder ao construto de violação de sentido e identificar discrepâncias entre sentido situacional e sentido global relativamente a acontecimentos potencialmente traumáticos. A investigação foca-se em agentes da Polícia Marítima Portuguesa (PMP) que participaram em missões internacionais de resgate e apoio humanitário no Mar Mediterrâneo, entre 2015 e 2022. Estas missões são caracterizadas por elevada exigência emocional e exposição primária e secundária a sofrimento extremo (Figley & Ludick, 2017), configurando experiências que podem desafiar pressupostos fundamentais. Pela sua exposição cumulativa a situações de perigo, contacto com a morte e confronto direto com vulnerabilidade humana, estes profissionais constituem uma população particularmente relevante para avaliar a adequação do instrumento.

No presente estudo, analisaram-se dados recolhidos entre fevereiro e maio de 2023 por Huerta (2023) no estudo *Impacto psicológico das missões de salvamento de refugiados na Polícia Marítima*. Foi pedido a 48 agentes da PMP que avaliassem violações de diferentes dimensões do sentido global relativamente às suas experiências no Mediterrâneo, enquanto linha de base pré/pós-traumática.

Considerando que a resignificação de experiências adversas é um fator crítico no ajustamento ao trauma (Park, 2010; Janoff-Bulman, 1989; George & Park, 2013) e que a aplicação de instrumentos em contextos culturais distintos exige adaptações rigorosas (Sousa & Rojjanasrirat, 2011), este pretende contribuir para o avanço metodológico na avaliação de violação de sentido em língua portuguesa. Pretende-se, também, fortalecer a aplicabilidade do modelo teórico da atribuição de sentido ao trauma em contextos ocupacionais de elevada exigência emocional e marcados por especificidades culturais relevantes (Litz et al., 2009; Park et al., 2016; Matos et al., 2022b).

Este trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos principais. O primeiro apresenta o enquadramento teórico do sentido da vida enquanto construto central dos processos de ajustamento psicológico ao trauma e descreve os modelos explicativos mais relevantes, com particular atenção ao construto de violação de sentido global. O segundo descreve o método do estudo, incluindo participantes, materiais e procedimentos. O terceiro apresenta os resultados qualitativos e quantitativos. O último capítulo discute os resultados à luz da literatura, apontando contributos, limitações e implicações futuras.

Enquadramento teórico

1. Sentido da vida e ajustamento psicológico a acontecimentos adversos.

A procura por sentido na vida é reconhecida como uma das necessidades humanas mais fundamentais e universais (Frankl 1946/2005). Estudos como os de Steger e Frazier (2005), Disabato e colegas (2017) e Hooker e colegas (2018) sugerem que uma perceção sólida de presença de sentido de vida se associa a níveis mais elevados de bem-estar psicológico, maior motivação para enfrentar adversidades e menor risco de sintomas depressivos e ansiosos. Além disso, sugerem ainda que pessoas com um propósito claro de vida tendem a apresentar maior resiliência e até maior sobrevivência, entendida como a probabilidade de viver mais tempo após um diagnóstico de doença grave (Alimujiang, et al., 2019; Martela & Steger, 2016).

No campo da psicologia, Frankl (1946/2005) foi pioneiro ao propor que a “vontade de sentido” é a força motivadora principal do ser humano. A sua teoria, já formulada antes da sua prisão em campos de concentração nazis durante a Segunda Guerra Mundial, foi colocada à prova pela experiência em campos de concentração, defendendo que, mesmo em contextos de sofrimento extremo, é possível manter a dignidade e a esperança através da preservação ou descoberta de um propósito. Para Frankl, o sentido da vida é concreto e adaptado às circunstâncias, podendo ser encontrado na realização de objetivos pessoais ou na atitude adotada diante do sofrimento inevitável. Além disso, Frankl introduziu um conceito provocador: a saúde mental não decorre da ausência de tensão, mas da presença de uma tensão saudável entre quem a pessoa é e quem deseja tornar-se. É essa tensão que, segundo ele, impulsiona o crescimento pessoal (Frankl, 1946/2005).

A perspectiva de Frankl introduziu a ideia de que o sentido da vida funciona como um recurso de autorregulação cognitiva e emocional, conceito retomado e sistematizado em modelos teóricos mais recentes, como os de Park e Folkman (1997) e Wong (2013), e reforçado por Martela e Steger (2016), que o descrevem como um processo dinâmico que é influenciado

por fatores individuais, sociais e culturais.

Nos anos 1980, Thompson e Janigian (1988) exploraram a forma como as crenças e os esquemas de vida determinam a nossa resposta a acontecimentos adversos. A avaliação inicial de um acontecimento traumático tende a ocorrer de forma automática, atribuindo-lhe um significado imediato, por exemplo, percebendo-o como uma ameaça, perda ou desafio, conforme o modelo transacional de *stress* e *coping* descrito por Dias e Pais-Ribeiro (2019) baseado nos contributos de Lazarus e Folkman. Quando o evento é percebido como discrepante desses esquemas ou pressupostos fundamentais que os indivíduos têm sobre si próprios e sobre o mundo, como a crença de que o mundo é justo, previsível e benevolente (Janoff-Bulman, 1989) gera-se uma violação desses pressupostos. Essa violação conduz a uma rutura do sistema de sentido, desorganizando a visão de mundo (Neimeyer, 2006; Edmondson et al., 2011).

Embora o termo “sentido global” não fosse ainda usado de forma explícita, trabalhos como os de Thompson e Janigian (1988) e de Janoff-Bulman (1989) já apontavam para a existência de um sistema de crenças mais amplo e relativamente estável, que serve de enquadramento para interpretar experiências específicas. O sentido global refere-se precisamente a esse conjunto de pressupostos fundamentais, valores e objetivos de vida que estruturam a forma como as pessoas interpretam o mundo (Park, 2010).

Perspetivas posteriores, como as de Janoff-Bulman (1989) e Martela e Steger (2016), reforçam a importância dessas estruturas cognitivas para o ajustamento psicológico, sublinhando que alterações nelas podem ter implicações profundas para o bem-estar psicológico. Entre essas implicações estão uma maior vulnerabilidade a sintomas depressivos, ansiosos e ainda de *stress* pós-traumático (Janoff-Bulman, 1989; Edmondson et al., 2011), mas também a possibilidade de desencadear processos de crescimento pós-traumático (Tedeschi & Calhoun, 1996). As contribuições de Janoff-Bulman (1989) abriram caminho para a distinção conceptual entre sentido global e sentido situacional, que mais tarde se tornaria um pilar central

no modelo de Park (2010).

Em 1983, Taylor apresentou a teoria da adaptação cognitiva (*theory of cognitive adaptation*), destacando três processos psicológicos que promovem o ajustamento psicológico após acontecimentos potencialmente traumáticos: a busca por sentido, a tentativa de recuperar o senso de controlo e a restauração da autoestima (Park, 2010). Esta teoria enfatiza o papel das “ilusões positivas”, que são interpretações ligeiramente enviesadas, mas adaptativas, que possibilitam manter a esperança e a motivação (Taylor & Brown, 1988). Estes elementos mostraram como as interpretações que fazemos das experiências influenciam não apenas o nosso estado emocional, mas também as estratégias de *coping* escolhidas (Dias & Pais-Ribeiro, 2019; Affleck & Tennen, 1996).

Paralelamente, o modelo transacional de *stress* e *coping* (*transactional model of stress and coping*) de Lazarus e Folkman (1984), posteriormente testado empiricamente (Folkman et al., 1986), trouxe uma perspetiva processual ao estudo do sofrimento psicológico, defendendo que o impacto de um evento está associado à avaliação cognitiva que o indivíduo faz dele e aos recursos de *coping* disponíveis. Esta avaliação ocorre em duas etapas interdependentes: na primeira, avalia-se se o acontecimento representa uma ameaça, um desafio ou uma perda; na segunda, consideram-se os recursos disponíveis para lidar com a situação (Folkman et al., 1986). A partir destas avaliações, podem ser ativadas estratégias de *coping* focadas no problema, voltadas para a resolução da situação, ou estratégias focadas na emoção, cujo objetivo é regular a resposta emocional (Dias & Pais-Ribeiro, 2019; Matthieu & Ivanoff, 2006; Nolen-Hoeksema, 1991).

Além disso, a perceção de controlo atua como um moderador importante: pode atenuar ou intensificar o sofrimento, dependendo da natureza do acontecimento e da forma como é avaliado (Folkman et al., 1986; Dias & Pais-Ribeiro, 2019). Esta abordagem reforçou a ideia de que a relação entre a pessoa e o seu contexto é dinâmica e bidirecional, sendo

constantemente mediada pelas interpretações feitas da realidade. O modelo transacional de *stress* e *coping* teve também grande influência no trabalho de Park, ao oferecer uma estrutura que associa avaliação, *coping* e ajustamento psicológico, elementos introduzidos na formulação da teoria integrada da atribuição de sentido (*meaning making*, Park, 2010).

Em 1989, Wortman e Silver, no artigo *The Myths of Coping with Loss*, desafiaram a visão tradicional do luto associada à “hipótese do trabalho de luto” proposta por Freud (1917). Essa concepção clássica pressupunha que a adaptação a perdas significativas exigiria um processo ativo e linear de trabalhar emocionalmente a perda, passando por fases pré-determinadas até à recuperação. As autoras argumentaram, em harmonia com evidências posteriores de Bonanno (2004), que esta perspectiva não se aplica a todas as pessoas e que o ajustamento ao luto é um processo altamente individual, não envolvendo necessariamente sofrimento intenso e contínuo (Bonanno, 2004). Pelo contrário, Wortman e Silver destacaram ainda que muitas pessoas mantêm períodos de estabilidade emocional e funcionamento adequado logo após a perda, intercalados com momentos de maior vulnerabilidade (Bonanno et al., 2011; Southwick et al., 2014). Essa visão é consistente com o modelo de atribuição de sentido de Park (2010), que reconhece que nem todas as violações de sentido global desencadeiam um processo intenso de procura e atribuição de sentido. Em alguns casos, o sistema de crenças mantém-se suficientemente estável para integrar a experiência sem necessidade de grandes alterações. (Neimeyer, 2006; Holland et al., 2010).

No final da década de 1980, Janoff-Bulman (1989) apresentou a teoria dos pressupostos fundamentais (*assumptive world theory*), um marco na compreensão do impacto psicológico de acontecimentos traumáticos. Segundo esta autora, todos os indivíduos possuem um conjunto de pressupostos fundamentais sobre o mundo e sobre si próprios, incluindo a crença de que o mundo é benevolente, justo e previsível, bem como a percepção de si próprio como digno e competente. Quando um evento traumático rompe com estas crenças, como em situações de

uma perda súbita, violência ou catástrofes, o sistema de crenças que serve de base à organização cognitiva e emocional pode desintegrar-se.

A teoria dos pressupostos fundamentais é coerente com a proposta de Thompson e Janigian (1988) sobre discrepâncias entre esquemas cognitivos e experiências vividas, e com a perspectiva de Martela e Steger (2016) sobre o sentido como um processo dinâmico e adaptativo. Para Janoff-Bulman (1989), o trauma mais profundo não reside apenas no acontecimento em si, mas na desconstrução destas estruturas internas que sustentam a visão de mundo, ideia também discutida por Park (2010) no âmbito do seu modelo. A conceptualização fundamental de Janoff-Bulman sobre a rutura de crenças pressupostas, influenciou de forma decisiva a formulação de Park, servindo como base para o seu construto central de “violação de sentido” (*meaning violation*), entendido como o gatilho para o processo de procura de sentido.

Nos anos 1990, Tedeschi e Calhoun (1996) desenvolveram o conceito de crescimento pós-traumático (CPT, *posttraumatic growth*). Este construto ampliou a compreensão das respostas ao trauma, ao sugerir que o confronto com acontecimentos traumáticos pode, em alguns casos, conduzir não apenas a sofrimento significativo e desorganização psicológica, mas também a mudanças positivas e duradouras.

O CPT pode manifestar-se em cinco domínios principais: valorização da vida, fortalecimento dos vínculos interpessoais, perceção ampliada de força pessoal, identificação de novas possibilidades e mudanças na espiritualidade (Tedeschi & Calhoun, 2004). Para avaliar o processo de crescimento pós-traumático, os autores desenvolveram o Inventário de Crescimento Pós-Traumático (*Posttraumatic Growth Inventory*; PTGI), instrumento amplamente utilizado na investigação empírica, incluindo em Portugal em amostras clínicas e não clínicas (Ramos et al, 2016). Este trabalho confirmou as boas características psicométricas da versão portuguesa do PTGI e a sua utilidade na avaliação de mudanças positivas associadas à adversidade.

Foi no final da década de 1990 que o trabalho de Park e Folkman (1997) marcou um ponto de viragem, ao propor um modelo inicial de atribuição de sentido (*meaning making model*), que combina a perspetiva transaccional de *stress* e *coping* de Folkman e Lazarus (1986) com a investigação sobre o sentido de vida. Neste modelo teórico, o sentido global, entendido como um sistema estável de crenças, valores e objetivos de vida, atua como mediador entre o acontecimento traumático e o ajustamento psicológico (Park & Folkman, 1997).

A discrepância entre o sentido situacional (significado atribuído a um determinado acontecimento) e o sentido global é vista como o motor do processo de procura e atribuição de sentido, através do qual a pessoa procura reduzir a incongruência entre o acontecimento traumático e as suas crenças e objetivos de vida. Essa perspetiva sugere que o ajustamento psicológico não depende apenas da resolução prática do acontecimento, mas da capacidade de integrar o acontecimento traumático através de processos cognitivos (reavaliação, reinterpretação) e emocionais (regulação afetiva), abrindo caminho para o modelo mais amplo posteriormente proposto por Park (2010).

Em 2010, Park sintetizou e organizou décadas de investigação sobre sentido de vida e ajustamento psicológico pós-traumático no modelo integrado de atribuição de sentido (*integrated meaning making model*). Neste modelo, Park clarifica a distinção entre o sentido global, composto por crenças e objetivos de vida que informam o sentido de propósito, que guia a interpretação da vida, e o sentido situacional, que se refere à forma como uma pessoa avalia determinado acontecimento. Quando um acontecimento é percebido como discrepante do sentido global, isto é, percebido como traumático, por violar crenças e objetivos de vida, essa discrepância gera sofrimento psicológico (Park & George, 2013; Davis et al., 1998). Park postula ainda que, quanto maior a discrepância percebida, isto é, violação, maior é o sofrimento, que, por sua vez, é passível de ser reduzido ao empregar esforços cognitivos, tentando dar sentido ao acontecimento traumático, que reponham a congruência pré-traumática

(Park, 2010).

Park descreve dois processos principais de atribuição de sentido ao trauma: a assimilação, que é quando o indivíduo ressignifica o evento para que ele se ajuste e seja congruente com o seu sentido global. E a acomodação, quando altera crenças fundamentais para integrar a nova realidade imposta pela experiência adversa (Park, 2010; George & Park, 2016). O sucesso ou insucesso destes processos de atribuição de sentido explica porque pessoas expostas ao mesmo tipo de trauma apresentam respostas psicológicas tão diferentes (Bonanno, 2004). Indivíduos que conseguem assimilar o evento ou acomodar as suas crenças de modo adaptativo tendem a exibir resiliência ou até mesmo crescimento pós-traumático (Tedeschi & Calhoun, 2004). Por outro lado, aqueles que não conseguem reduzir a discrepância entre o evento e o seu sentido global, ou que acomodam as suas crenças de forma disfuncional (e.g., desenvolvendo visões negativas e rígidas sobre si mesmos ou sobre o mundo) são mais propensos a desenvolver sofrimento psicológico prolongado ou psicopatologia, tal como apontado por Bonanno (2004) nos seus estudos sobre as distintas trajetórias de ajustamento pós-traumático.

Ao combinar contributos de diversos autores-chave, incluindo a ênfase de Frankl (1946/2005) na procura de sentido, a *teoria dos pressupostos fundamentais* de Janoff-Bulman (1989), a teoria da gestão do sentido de Wong (2013) e o modelo transaccional de *stress* e *coping* de Lazarus e Folkman (Folkman et al., 1986), através do modelo integrado de atribuição de sentido, Park (2010) propõe uma lente abrangente e operacional, sustentada por investigação empírica, para compreender os processos cognitivos de ajustamento psicológico ao trauma.

Dando continuidade aos modelos que abordam o ajustamento ao trauma através da reconstrução do sentido, Wong (2013) propôs, no enquadramento da teoria de gestão de sentido (*Meaning Management Theory*), o modelo de sistemas duplos do sentido e bem-estar (*Dual-Systems Model of Meaning and Well-being*), que conceptualiza o sentido como resultado da

interação entre um sistema de aproximação a objetivos, focado na procura de experiências positivas, metas e realização pessoal, e um sistema de evitamento de ameaças, orientado para enfrentar adversidade e perda. Posteriormente, Wong (2016), sublinhou o papel da autotranscendência como dimensão central da procura de sentido, isto é, a capacidade de ir além das preocupações egocêntricas, encontrando propósito através de valores, relações e contributos que transcendem o self. Este movimento de autotranscendência foi empiricamente associado a maiores níveis de bem-estar psicológico, por promover coerência existencial e regulação emocional em contextos de sofrimento. No plano empírico, para avaliar diferentes fontes de sentido a nível pessoal, como realização, relacionamentos, altruísmo, espiritualidade ou justiça, foi desenvolvida a escala Perfil de Sentido Pessoal (*Personal Meaning Profile*, PMP) e a sua versão abreviada (PMP-B), instrumentos aplicados em diversos contextos culturais, incluindo amostras canadenses, norte-americanas e asiáticas (McDonald et al., 2013). Estes estudos demonstraram a utilidade do modelo na identificação das dimensões específicas que contribuem para o bem-estar, reforçando a pertinência da abordagem de Wong na investigação sobre reconstrução de sentido.

2. *Violação de sentido e evidência empírica do modelo*

A teoria de Park (2010) tem sido continuamente desenvolvida e testada em diferentes populações, evidenciando a relevância do conceito de violação de sentido global para compreender as respostas psicológicas a experiências potencialmente traumáticas. Estudos empíricos, desde os trabalhos iniciais de Davis et al. (1998) e Park et al. (2008) até às formulações mais recentes de George & Park (2013, 2016), têm demonstrado que níveis mais elevados de violação de sentido, ou seja, discrepâncias entre as crenças centrais e as experiências vividas, se associam a maior sofrimento psicológico, ruminação e sintomas de stress pós-traumático

Entre as populações estudadas, destacam-se os veteranos de guerra, em que a exposição a perdas humanas e aos dilemas morais se relaciona com perturbação pós-traumática e menor ajustamento (Currier et al., 2006); pessoas com doença crónica, onde a perceção de perda de sentido está associada a pior adaptação emocional e física (Lee et al., 2006; Sherman & Simonton, 2012); e refugiados, nos quais as rupturas biográficas e culturais desafiam os pressupostos centrais sobre segurança e controlo, intensificando as violações de sentido global (Matos et al., 2022a).

Estes estudos, realizados em contextos tão distintos como guerra, doença grave e deslocamento forçado, reforçam empiricamente a importância de avaliar quantitativamente o grau de violação de sentido global, permitindo compreender melhor a relação entre este processo e o ajustamento psicológico a acontecimentos adversos.

Para avaliar a violação de sentido, enquanto construto teórico central, Park e colaboradores (2016) desenvolveram a escala de violação de sentido global (*Global Meaning Violation Scale*, GMVS), uma escala de auto-relato composta por 13 itens. O instrumento foi concebido para avaliar especificamente em que medida, determinado acontecimento viola crenças e objetivos de vida, sendo, como tal, percebido como acontecimento traumático. Os cinco primeiros itens da escala avaliam a violação de cinco crenças centrais (i.e., crença num mundo justo, crença em outras forças que controlam o mundo, crença em Deus, perceção de controlo pessoal, perceção do mundo como lugar bom e seguro.), enquanto os oito restantes se referem a violação de objetivos de vida, que podem ser diferenciados em objetivos intrínsecos (i.e., autoaceitação, paz interior, saúde física, intimidade, realização artística) e objetivos extrínsecos (i.e., realização académica, realização profissional, apoio social e comunitário). Cada item é avaliado numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos, de 1 (*nada*) a 5 (*totalmente*), em relação a um acontecimento potencialmente traumático previamente identificado. A GMVS preencheu uma lacuna identificada no modelo de atribuição de sentido, oferecendo uma medida

fiável e válida para investigar empiricamente como violações de sentido global se relacionam com o ajustamento psicológico (George & Park, 2013; Park et al., 2016).

O uso da GMVS em diferentes contextos culturais ainda é escasso. A escala foi originalmente desenvolvida e validada nos Estados Unidos, em amostras universitárias falantes de inglês (Park et al., 2016). Até ao momento, o primeiro processo de adaptação transcultural publicado em detalhe e com rigor metodológico é a versão árabe da escala (GMVS-ArabV), aplicada a refugiados sírios, tendo a guerra da Síria (2011-2024) como linha de base para avaliação de violações de sentido (Matos et al., 2022a).

Este trabalho forneceu evidência preliminar de validade, mas também apontou limitações na capacidade de a escala captar de forma adequada as experiências de violação de sentido nesta população, relacionadas com a complexidade do construto, a adequação cultural de certos itens (por exemplo, intimidade emocional) e a forma de resposta (Matos et al., 2022a). Para ultrapassar estas dificuldades, nomeadamente relacionadas com o acesso ao construto da violação de sentido os autores recomendaram um formato tripartido de resposta aos itens, em que, para cada item, se pede os respondentes que avaliem a intensidade da crença ou objetivo (1) pré-trauma, (2) pós-trauma, seguido da mensuração da (3) potencial discrepância (i.e., violação da respetiva crença ou objetivo de vida).

Apesar da pertinência teórica do conceito de violação de sentido em diferentes culturas, a evidência empírica de adaptações transculturais da GMVS permanece limitada, o que reforça a necessidade de investigações adicionais que validem a escala em outros contextos socioculturais. Estes resultados reforçam o papel central da reconstrução de sentido no ajustamento a acontecimentos traumáticos e validam a relevância clínica e investigativa da GMVS em populações distintas (Park, 2010; Matos et al., 2022b).

3. *Exposição traumática e ajustamento psicológico em profissionais na linha da frente*

Profissionais envolvidos em missões humanitárias no Mar Mediterrâneo, como os

agentes da PMP, atuam em operações de resgate caracterizadas por elevada exigência emocional e moral. Estes contextos envolvem o confronto direto e repetido com situações de morte, sofrimento e perda, a necessidade de tomar decisões rápidas sob risco, e o contacto prolongado com cenários de precariedade e perigo (Huerta, 2023). A literatura internacional sobre primeiros respondentes, que inclui forças de segurança, bombeiros, equipas de resgate e paramédicos, mostra que a exposição crónica a incidentes potencialmente traumáticos pode gerar impactos significativos na saúde mental, incluindo *stress* pós-traumático, traumatização secundária, fadiga de compaixão e sofrimento moral (Greinacher et al., 2019; Papazoglou & Tuttle, 2018).

Durante as suas carreiras, estes profissionais podem ser expostos a centenas de acontecimentos críticos, o que, a longo prazo, se associa a sintomas de exaustão emocional, perturbações do sono, irritabilidade e dificuldades relacionais. Além da exposição direta, é frequente a traumatização vicária, como resultado do contacto contínuo com vítimas de trauma e sofrimento humano. Estes processos, reconhecidos no DSM-5-TR como potenciais fontes de perturbação pós-traumática, reforçam a ideia de que o trauma ocupacional pode surgir também da exposição indireta a acontecimentos aversivos (APA, 2022).

Nos contextos humanitários, a complexidade moral dessas situações enfrentadas, como a impossibilidade de salvar todas as pessoas, ou o conflito entre dever profissional e impacto emocional, pode gerar lesões morais (*moral injury*), que se manifestam como sentimentos de culpa, impotência e quebra de confiança nos próprios valores (Papazoglou & Tuttle, 2018). Essas experiências configuram potenciais violações de sentido global, ao desafiarem crenças centrais de justiça, controlo e previsibilidade (Janoff-Bulman, 1989; Park, 2010; George & Park, 2013). Compreender como estes profissionais reorganizam cognitivamente estas experiências é essencial para o desenvolvimento de intervenções psicológicas adaptadas à sua realidade operacional, e a *Global Meaning Violation Scale* (GMVS) apresenta-se como um

instrumento promissor para avaliar tais violações de sentido neste contexto.

Assim, a presente investigação propõe-se explorar a utilidade e adequação da versão adaptada GMVS para captar discrepâncias entre sentido situacional e global em agentes da Polícia Marítima Portuguesa (PMP) que participaram em missões de resgate e salvamento de pessoas refugiadas no Mar Mediterrâneo. Esta proposta responde à questão de investigação: “O formato adaptado da GMVS permite aceder ao construto de violação de sentido?”.

Método

Desenho do Estudo

O presente estudo enquadra-se no projeto *Journeys in Meaning*, da responsabilidade da Investigadora Lisa Matos (William James Center for Research, ISPA – Instituto Universitário). O foco deste estudo é analisar o ajustamento psicológico de indivíduos que enfrentam eventos potencialmente traumáticos, particularmente no contexto da experiência de refúgio, com ênfase no impacto dessas vivências nos sistemas de crenças, objetivos e sentido de propósito.

Participantes

A amostra é composta por 48 agentes da PMP, selecionados com base nos seguintes critérios de inclusão: ser agente da PMP e ter participado pelo menos numa missão de resgate e salvamento de pessoas refugiadas nas fronteiras marítimas da União Europeia, enquadradas nas missões da Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira (Frontex), entre os anos de 2015 e 2022.

A maioria dos participantes identificou-se com o género masculino (87,5%), enquanto 12,5% se identificaram com o género feminino. As idades variaram entre 30 e 62 anos, com uma média de 44,2 anos ($DP = 6,9$). Em relação ao nível de escolaridade, 55,8% completaram o ensino secundário (12º ano), 30,2% licenciatura, 7% mestrado, e 7% entre o 9º e o 11º ano de escolaridade. A média de tempo de serviço na PMP também foi diversificada, com maior

concentração entre os 11 e os 25 anos de carreira (66%; $M = 17,6$ anos, $DP = 7,7$). As categorias profissionais mais representadas foram a de agentes de primeira classe (66,7%) e segunda classe (18,8%). Quanto à especialização funcional, os participantes exerciam funções nos seguintes setores: Grupo de Ações Táticas (39,6%), serviço regular (29,2%), investigação criminal (16,6%) e mergulho forense (14,6%). Todos os agentes reportaram contacto direto com populações refugiadas em situação de vulnerabilidade extrema, incluindo crianças (100,0%), idosos (73,0%) e menores não acompanhados (62,5%). Relativamente à religião, a maioria dos participantes identificou-se como católicos (64,6%), seguindo-se os ateus (18,8%) e os agnósticos (14,6%). Apenas um participante (2,1%) indicou outra religião.

Materiais

A recolha de dados foi realizada por meio de dois instrumentos principais. O questionário sociodemográfico, que abordou as informações gerais sobre os participantes, incluindo dados pessoais, profissionais e detalhes sobre a participação em missões, com vista a caracterizar a amostra. Foi também aplicada a Escala de Violação de Sentido Global (GMVS; Park et al., 2016) adaptada, com base nas recomendações do estudo de adaptação transcultural da GMVS-ArabV com refugiados sírios (Matos et al., 2022a) e ajustada ao contexto das missões no Mar Mediterrâneo.

Adaptação da GMVS

A GMVS, na sua estrutura original, foi traduzida para português, por recurso a retroversão, em que se privilegiou a equivalência funcional dos construtos e itens (International Test Commission, 2018). Com autorização dos autores da escala, a frase introdutória que, na formulação original, remete para o acontecimento mais stressante (i.e., “*your most stressful experience*”) foi substituída por uma breve introdução que permitisse integrar a exposição traumática cumulativa (expectável na amostra) em vez de remeter para um acontecimento único: “Tendo por referência a participação em missão ou missões no Mar Mediterrâneo, o

objetivo desta escala é avaliar em que medida as suas crenças e objetivos de vida se poderão ter alterado antes e após a(s) missão(ões)”.

Os 5 itens originais referentes a crenças foram subsequentemente traduzidos (e.g., “Em que medida a participação nas missões alterou a sua perceção de o mundo ser justo?” – item 1). A formulação “alterou” foi adotada, em vez da tradução direta “violou”, por a palavra “violação” em português remeter para uma dimensão sexual no léxico comum. Após cada item, foi adotado um formato tripartido com vista a facultar o acesso ao construto em estudo (Matos et al., 2022a), isto é, violação de sentido. Assim, no item 3 sobre crença em Deus, os participantes eram convidados a avaliar, em primeiro lugar, a intensidade da crença antes das missões (e.g., “a. Antes da missão, era crente em Deus?”), seguido da intensidade atual da crença (e.g., “b. Atualmente, crê em Deus?”) e, finalmente, a discrepância percebida entre ambos (e.g., “c. De 1 a 5, quanto se alterou?”). A resposta ao item corresponderia, então, à resposta c.

O mesmo processo foi adotado relativamente aos itens sobre objetivos de vida. Após a frase introdutória (i.e., “Em que medida é que a participação nas missões no Mar Mediterrâneo interferiu com a sua capacidade de alcançar os seguintes objetivos, metas ou valores”), foram listados os itens 6 a 13, cada um dos quais no mesmo formato tripartido. Por exemplo, item 7 “Capacidade de se aceitar a si próprio/a (autoaceitação)”, seguido de “a. Objetivo antes da missão”, “b. Objetivo atualmente” e “c. De 1 a 5, quanto se alterou?”).

Concluídos estes passos, realizados no âmbito da dissertação de mestrado de Huerta (2023), a versão portuguesa da GMVS adaptada para utilização com agentes da PMP (PolMar_GMVS_PT, ver ANEXO) foi considerada pronta para ser testada na amostra, enquanto entrevista estruturada.

Procedimento

O recrutamento de participantes e a recolha de dados foram realizadas pela estudante de mestrado em Psicologia Clínica, Catarina Huerta, entre janeiro e maio de 2023. A autorização para a realização do estudo foi concedida pelo Comandante-Geral da PMP, com a colaboração do Gabinete de Psicologia da instituição. Este gabinete foi responsável por divulgar o estudo aos agentes que atendiam aos critérios de inclusão, enviando convites por e-mail. Os agentes interessados em participar entraram em contato com a investigadora, seja por e-mail ou telefone. Entre fevereiro e maio de 2023, foram realizadas entrevistas presenciais com 38 participantes em diversas unidades da Polícia Marítima, incluindo o Comando Geral de Lisboa e o Comando Local de Alcântara. Os outros 10 entrevistados participaram online, utilizando plataformas como *Zoom*, *Google Meet* ou *Microsoft Teams*. Inicialmente, a amostra foi recrutada por conveniência, mas o processo passou a seguir a técnica de amostragem em bola de neve, uma vez que os participantes incentivaram seus colegas a se envolverem, compartilhando o estudo com outros agentes de forma voluntária.

Antes da realização das entrevistas, todos os participantes receberam uma explicação completa sobre o estudo, incluindo informações sobre o anonimato, a confidencialidade, os direitos dos participantes, a equipa de investigação, e os possíveis riscos e benefícios da sua participação. Cada participante assinou o formulário de Consentimento Informado, sendo que também foi dada a oportunidade para esclarecer dúvidas sobre o estudo. Depois de completar as respostas do questionário sociodemográfico, foi aplicada a PolMar_GMVS_PT como entrevista estruturada, sendo pedido aos participantes para avaliarem numa escala de 1 (nada) a 5 (totalmente), o grau de violação de cada crença ou objetivo, bem como a intensidade atual e pré-traumática dessas dimensões. Este procedimento visou facilitar o acesso ao construto, inerentemente abstrato, e permitir que os participantes se situassem subjetivamente para avaliar o impacto da missão.

As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e anonimizadas. As transcrições, bem como os questionários preenchidos, foram posteriormente disponibilizados à autora da presente dissertação.

Análise de Dados

Na análise dos dados, as intensidades pré e pós-evento foram codificadas separadamente, enquanto a discrepância percebida correspondeu a uma resposta direta do participante, e não a um cálculo de diferença entre pré e pós. Assim, a medida de alteração percebida, isto é, a violação, reflete a avaliação subjetiva dos participantes acerca do impacto da missão.

A análise quantitativa incluiu os valores pré (a.), pós (b.) e a alteração percebida (c.), sendo conduzida através do *software* IBM SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences* (versão 30). Foram calculadas medidas descritivas (médias, desvios-padrão, frequências, valores mínimos e máximos), de modo a caracterizar o padrão de respostas em cada item. Definiu-se como critério de decisão estatística um nível de significância de $p < .05$, correspondente a um grau de confiança de 95%, considerando-se a hipótese nula rejeitada sempre que a probabilidade de erro tipo I fosse inferior a esse valor (Marôco, 2007). Esta exploração inicial serviu de base para as análises comparativas subsequentes e foi discutida em articulação com a componente qualitativa.

Os dados qualitativos foram analisados por recurso a análise temática (Braun & Clarke, 2006), seguindo uma orientação indutiva, com o suporte do *software* MAXQDA 2024 como ferramenta de apoio. Embora tenha sido guiada por uma pergunta de investigação clara e por referenciais teóricos, objetivou-se a identificação de padrões que preservassem a voz dos participantes, respeitando a complexidade das suas experiências. O processo de codificação foi progressivo e envolveu uma leitura atenta de todas as transcrições, organização em temas e subtemas, com o objetivo de identificar padrões representativos das experiências relatadas

pelos entrevistados. A análise concentrou-se na articulação entre sentido situacional e sentido global, procurando compreender se, e de que forma, os participantes experienciaram discrepâncias tendo como linha de base as missões de resgate e salvamento, enquanto acontecimentos potencialmente traumáticos.

Resultados

Dados Quantitativos

A Tabela 1 apresenta as médias (M), desvios-padrão (DP), e valores mínimo e máximo de cada item da alteração percebida. Os itens com maior média de alteração percebida foram “outras forças que controlam o mundo” (item 2; M = 3,25; DP = 1,58), “realização profissional” (item 11; M = 3,15; DP = 1,58) e “mundo justo” (item 1; M = 3,00; DP = 1,47). Os valores mais baixos foram encontrados em “crença em Deus” (item 3; M = 1,25; DP = 0,81), “autoaceitação” (item 7; M = 1,67; DP = 1,08) e “realização artística” (item 12; M = 1,71; DP = 1,25). Estes resultados oferecem uma primeira visão geral sobre os domínios em que os participantes relataram maior ou menor alteração percebida, servindo de base para as análises comparativas entre os momentos pré e pós-missão.

A consistência interna não foi avaliada por meio do alfa de *Cronbach* global, uma vez que a GMVS é uma escala multidimensional, composta por crenças e objetivos. O cálculo de um único alfa para os 13 itens seria metodologicamente incorreto (Marôco, 2007). A literatura recomenda o cálculo por subescala; contudo, dada a reduzida dimensão da amostra e o número limitado de itens por fator, esses coeficientes tenderiam a ser instáveis e pouco informativos.

Assim, optou-se por apresentar estatísticas descritivas e comparações entre momentos, alinhando-se ao procedimento adotado na adaptação árabe da GMVS (Matos, 2022), onde igualmente não foram relatados valores de consistência interna.

Tabela 1*Médias e desvios padrão dos itens da PolMar_GMVS_PT (N = 48)*

Item	M	SD	Min	Max
Mundo justo	3,00	1,47	1	5
Outras forças que controlam o mundo	3,25	1,58	1	5
Crença em Deus	1,25	0,81	1	5
Controlo sobre a própria vida	2,19	1,33	1	5
Mundo bom e seguro	2,98	1,49	1	5
Apoio social	2,77	1,52	1	5
Autoaceitação	1,67	1,08	1	5
Saúde física	1,90	1,45	1	5
Paz interior	2,08	1,43	1	5
Realização académica	2,94	1,63	1	5
Realização profissional	3,15	1,58	1	5
Realização artística	1,71	1,25	1	5
Intimidade	2,71	1,60	1	5

M= Média SD = Desvio Padrão

Para além dos valores descritivos apresentados na Tabela 1, analisou-se também a estrutura tripartida da GMVS adaptada, distinguindo valores atribuídos antes (pré) e após (pós) a missão. A Tabela 2 apresenta as médias, desvios-padrão, valores mínimos, máximos e medianas para o valor global da escala em cada momento. De forma geral, os resultados sugerem estabilidade nas crenças e objetivos avaliados, ainda que com uma ligeira tendência para valores mais elevados no pós-missão.

Tabela 2

Estatísticas descritivas e teste de Wilcoxon para os valores globais da GMVS (N = 44)

Momento	Média	SD	Mediana	Min	Max
Pré	2,83	0,43	2,92	1,54	3,38
Pós	3,06	0,48	3,08	1,54	3,92

Para comparar os valores globais da PolMar_GMVS_PT entre os momentos pré e pós-missão, foi realizado o teste de *Wilcoxon* para amostras emparelhadas, uma vez que a distribuição das diferenças não cumpria o pressuposto de normalidade (*Shapiro-Wilk*, $p < ,001$). Os resultados revelaram um aumento estatisticamente significativo no valor global da escala após a missão (Mediana = 3,08) em comparação com o pré-missão (Mediana = 2,92), $Z = 4,05$, $p < ,001$. Apesar desta significância estatística, a magnitude da diferença observada foi reduzida, sugerindo alterações de pequena expressão no nível global de crenças e valores.

Estes resultados quantitativos oferecem uma visão global das alterações percebidas nas crenças e objetivos, que será aprofundada na análise qualitativa, permitindo compreender como os participantes experienciaram essas mudanças.

Dados qualitativos

Através de análise temática, identificaram-se três temas relativos a processo (i.e., forma como os participantes acederam ao raciocínio durante a entrevista – Tema 1 “Acesso, compreensão e desenvolvimento do raciocínio”), conteúdo (i.e., clareza dos construtos – Tema 2 “Clareza e compreensão dos construtos”) e medida (i.e., capacidade da escala em captar discrepâncias percebidas entre sentido situacional e global – Tema 3 “Reforço e captação de mudança percebida”). Estes temas e respetivos subtemas estão esquematizados no Mapa Temático (figura 1), apresentado no final da secção de resultados, que sintetiza as relações identificadas entre as categorias emergentes.

Tema 1 – Acesso, compreensão e desenvolvimento do raciocínio (Processo)

A análise qualitativa evidenciou que a estrutura tripartida da GMVS (“pré”, “pós”, “quanto alterou”) não apenas recolheu respostas numéricas, mas também estimulou processos de raciocínio nos participantes. Durante as entrevistas, foi possível observar que as respostas eram elaboradas e ajustadas à medida que os entrevistados refletiam sobre as suas experiências. Esse processo manifestou-se em três subtemas: Acesso, compreensão e desenvolvimento do raciocínio.

Acesso

O formato tripartido das perguntas facilitou o primeiro contacto com o construto, permitindo que os participantes localizassem as suas crenças e objetivos a partir da experiência vivida. Ao refletirem sobre a intensidade atual e prévia da crença e dos objetivos, os participantes conseguiam organizar as suas ideias, tornando mais acessível a atribuição de valor a alteração. Assim, a resposta numérica era resultado de uma elaboração prévia. Por exemplo, relativamente ao item 13, um participante começou por distinguir entre “intimidade” e “proximidade” e descreveu como, após a missão, passou a viver de forma diferente os problemas dos outros, reconhecendo maior aproximação às pessoas. Só depois desta reflexão atribuiu valores às diferentes etapas: antes da missão “não era nada”, atualmente “nem muito nem pouco”, e, finalmente, à alteração percebida “um 4” (Entrevista #2923).

Compreensão

Em alguns casos, os participantes mostraram dificuldade em interpretar o significado dos itens, revelando que a compreensão do constructo era construída no decorrer da entrevista. Um exemplo relevante ocorreu quando, ao ser questionado sobre a “proximidade emocional” (item 13), um participante atribuiu inicialmente o valor “4”, remetendo para proximidade “pessoal acima de tudo”. No entanto, ao ser convidado a explicitar, pediu esclarecimento “Explica-me o que é que é. O que é essa proximidade emocional”, reconhecendo depois que

tinha confundido o conceito. Só então concluiu: “Pronto ok, então é isso. No que é que mudou? Não mudou nada” (Entrevista #1523).

Desenvolvimento do raciocínio

Em algumas entrevistas, a resposta final não surgiu de forma imediata, mas foi resultado de um processo reflexivo progressivo. Inicialmente, os participantes hesitavam ou davam respostas vagas, e apenas após maior elaboração conseguiam situar-se na escala e reconhecer a alteração percebida. Um entrevistado começou por afirmar “Ui, esta é difícil. Talvez, talvez”, mostrando incerteza quanto ao impacto das missões na sua intimidade (item 13). Ao longo da reflexão, foi reconhecendo aproximação aos familiares e a consciência de ter sido previamente desapegado. A partir desta elaboração, atribuiu “5” à alteração do objetivo, concluindo: “Alterou muito. Alterou muito” (Entrevista #2323).

Em conjunto, estes exemplos evidenciam que o formato tripartido não funcionou apenas como uma sequência de perguntas, mas como um recurso metodológico que estruturou a reflexão dos participantes. Ao facilitar o acesso inicial, apoiar a compreensão progressiva e estimular o desenvolvimento de respostas mais elaboradas, a PolMar_GMVS_PT permitiu que construtos abstratos, como crenças e objetivos, fossem traduzidos em avaliações quantificáveis sem perder a complexidade da experiência subjetiva.

Tema 2 — Clareza e Compreensão dos Construtos (Conteúdo)

Clareza dos itens

Alguns itens sobre as crenças mostraram-se de compreensão imediata. No item 1 “o mundo é justo”, por exemplo, um participante respondeu de forma consistente às três dimensões: “atualmente nada”, “antes talvez um 3” e “alteração 4”, justificando que, após testemunhar crianças e famílias sujeitas a perigos alheios às suas responsabilidades, deixou de acreditar que o mundo pudesse ser justo (Entrevista #0623).

Já no item 2 “outras forças que controlam o mundo”, emergiram ambiguidades. Um

participante questionou se o item se referia apenas a aspetos espirituais (“falamos só de coisas espirituais ou...?”), mas, após a clarificação da entrevistadora de que podia incluir “de tudo”, reformulou a resposta, salientando os interesses económicos como determinantes: “Nós somos controlados. Isto é a economia, isto é tudo interesses económicos, não tenho dúvidas disso” (Entrevista #0623). Este processo evidencia que a compreensão do item não foi automática, mas construída no diálogo. Importa reforçar que a clarificação não apontava para uma resposta “correta”, mas apenas alargava o campo de interpretação, preservando a subjetividade da resposta final.

Compreensão dos Construtos

Os itens relativos a objetivos de vida revelaram maior dificuldade de formulação e exigiram maior esforço reflexivo por parte dos participantes.

No item 12, “realização artística”, um participante respondeu inicialmente que a missão interferiu “um pouco” com esse objetivo, explicando que a experiência abriu horizontes e trouxe novos paradigmas. No entanto, reconheceu que antes da missão “nunca [se] tinha debruçado sobre ele”, evidenciando que este objetivo não estava previamente estruturado. Após reflexão, afirmou que atualmente passou a ser um objetivo, atribuindo o valor máximo de alteração (“5”) (Entrevista #1423).

Situação semelhante ocorreu no item 6 “apoio social e comunitário”, em que o participante hesitou quanto ao sentido da questão: “Quando fala de apoio, apoio social. É na maneira como eu apoio? Pessoas com necessidades”. Só após clarificação é que se posicionou, atribuindo o valor “3” (“nem muito nem pouco”), explicando que sempre manteve crenças ligadas a ser uma boa pessoa ajudando os outros (Entrevista #0123).

Em certas situações, os participantes solicitaram exemplos ou clarificação, e a entrevistadora assumiu um papel de facilitadora, encorajando-os a relacionar o item com experiências pessoais. Este apoio não direcionava a resposta, mas ajudava a que os objetivos

pouco conscientes pudessem ser verbalizados.

Nestes casos, a dificuldade não residia em quantificar na escala, mas em formular pela primeira vez objetivos existenciais pouco consciencializados. O formato tripartido serviu como estrutura de apoio para que os participantes pudessem organizar o pensamento e tornar explícitas dimensões que, até então, permaneciam implícitas.

Tema 3 — Reforço e Captação de Mudança Percebida (Medida)

A análise qualitativa revelou dois padrões distintos: em muitos casos, a missão funcionou como reforço de crenças já existentes, enquanto noutros emergiram mudanças efetivas ou a valorização de novos objetivos.

Reforço de crenças pré-existentes

Um padrão recorrente foi a confirmação de crenças já formadas antes das missões. No item 1, “mundo justo”, um participante afirmou: “O mundo não é justo, mas isso já sabia antes da missão. O que a missão me veio trazer, veio confirmar uma coisa que eu achava, que o mundo não é justo” (Entrevista #0423).

De modo semelhante, no item 2, “forças que controlam o mundo”, outro entrevistado reconheceu que já tinha essa percepção, mas que a missão lhe deu um contacto mais direto com aquilo que antes apenas conhecia pelos meios de comunicação social: “Eu já sabia disso tudo, mas ali vê-se ao vivo e a cores” (Entrevista #1023).

No item 5 “mundo enquanto lugar bom e seguro”, um entrevistado afirmou: “Eu daria... neste aspeto vou dar sempre um 2, porque claramente a missão deu-me alguma estaleca e mais perspectiva de coisas que eu sabia que existiam, mas via ao vivo”. Acrescentou ainda que, a sua experiência no âmbito das missões reforçou a crença e ilustrou-a com experiência vivida: “Posso ter ganho mais detalhe nessa percepção, mas a percepção não mudou.” (Entrevista #0923).

Nestes casos, o formato tripartido revelou discrepâncias mínimas entre as avaliações pré e pós-

evento, traduzindo que a experiência não gerou rupturas ou violações, mas sim reforço e confirmação de percepções anteriores já negativas e informadas por realidades complexas.

Mudança percebida

Embora menos frequente, alguns participantes relataram violações significativas de crenças, nomeadamente crenças religiosas. Um entrevistado descreveu que a missão o fez questionar a própria fé, fazendo-o “duvidar da existência de um Deus”, item 3, quantificando essa violação no extremo da escala. Ponderou, “sendo que 5 é muito, é 5” (Entrevista #1823).

Nos objetivos de vida também surgiram reavaliações significativas. No item 13, “proximidade emocional”, um participante relatou mudanças claras na forma de se relacionar: “Sim, sim, com certeza. (...) Um aumento da paciência, um aumento da flexibilidade... O saber olhar para as coisas com outra calma, com outra ponderação”. Reconheceu que antes da missão este não era um objetivo pessoal, mas que passou a valorizá-lo após o confronto com realidades de sofrimento e vulnerabilidade humana, que despertaram uma reflexão sobre as suas próprias crenças e prioridades, atribuindo a alteração máxima (“5”) (Entrevista #1423).

Nestes exemplos, o modelo tripartido permitiu captar não só a emergência de novas dimensões de valor, como uma maior valorização das relações interpessoais, da empatia e da capacidade de contenção emocional, mas também violações significativas de crenças centrais, evidenciando que, para alguns, a missão representou um ponto de viragem significativo.

A Figura 1 sintetiza os três temas e respetivos subtemas, evidenciando como o processo, o conteúdo e a medida se articularam para compreender a experiência dos participantes.

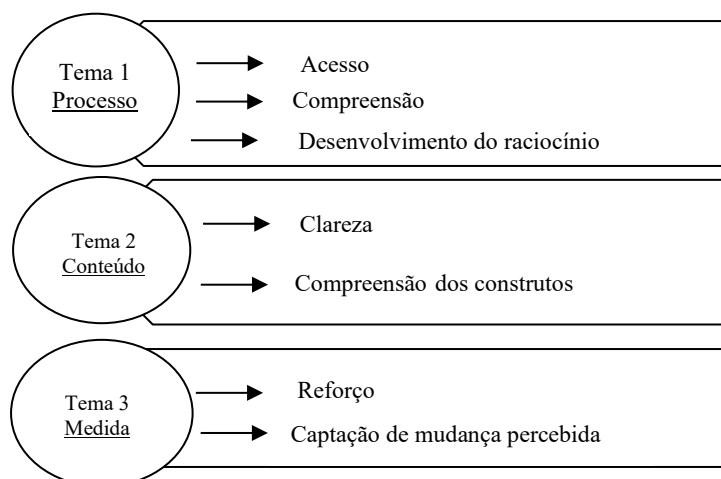


Figura 1

Mapa Temático da análise qualitativa das entrevistas

Discussão

O principal objetivo deste estudo misto foi analisar a versão PolMar_GMVS_PT na captação de discrepâncias entre sentido situacional e global em agentes da PMP, que vivenciam experiências traumáticas cumulativas durante as missões de resgate e de salvamento de refugiados no mar Mediterrâneo. Os resultados quantitativos revelaram que, embora tenha havido uma diferença estatisticamente significativa entre os valores globais da PolMar_GMVS_PT no pré e no pós-missão, a magnitude dessa diferença foi relativamente pequena, indicando alterações sutis no sentido global como um todo. Ainda assim, em alguns itens específicos (por exemplo, no item 2, “outras forças que controlam o mundo”, no item 11, “realização profissional” e no item 1, “mundo justo”) surgiram níveis mais elevados de alteração percebida.

A análise qualitativa permitiu-nos entender como estas alterações foram experienciadas: em muitos casos, as missões serviram como um reforço ou uma confirmação de crenças pré-existentes, enquanto em outros surgiram alterações significativas, como o questionamento da fé ou a valorização de novos objetivos relacionais. Além disso, a aplicação em formato tripartido mostrou-se adequada para aceder a construtos inerentemente abstratos,

já que ajudou aos participantes na formulação das respostas, facilitando a distinção entre continuidade e mudança. Juntos, estes resultados sugerem que a PolMar_GMVS_PT permite captar tanto a estabilidade quanto a violação de crenças e objetivos, permitindo observar diferentes formas de reorganização de sentido após a exposição a contextos de elevado sofrimento humano.

A estrutura tripartida dos itens da PolMar_GMVS_PT (pré-traumática, pós-traumática, dimensão da alteração) revelou-se particularmente eficaz para desencadear um raciocínio reflexivo nos participantes. O facto de os agentes terem de comparar o momento atual com o passado e, em seguida, avaliar a magnitude da mudança parece ter estimulado uma análise mais aprofundada das próprias crenças e objetivos, conduzindo à reformulação de perceções iniciais. Este processo variou entre participantes, desde a identificação de transformações significativas até à constatação de estabilidade. Assim, a sequência tripartida funcionou não apenas como um formato de recolha de dados quantitativos, referentes às classificações atribuídas pelos participantes à intensidade pré e pós-traumática das suas crenças e objetivos, mas também como um recurso metodológico que estruturou o pensamento e favoreceu a explicitação de perceções pessoais acerca das mudanças vividas e do impacto emocional da missão, que, de outro modo, poderiam não ter sido conscientemente reconhecidas.

O facto de a estrutura tripartida ter promovido reflexão e reavaliação cognitiva nos participantes é consistente com perspetivas teóricas que sublinham a função organizadora do sentido da vida em contextos adversos. Frankl (1946/2005) já destacava que a procura de sentido se atualiza quando as circunstâncias desafiam as referências habituais. De modo semelhante, Wong (2013, 2016) descreve o sentido da vida como recurso dinâmico, que integra orientação para metas com a capacidade de enfrentar perdas. A PolMar_GMVS_PT parece operacionalizar estas ideias, ao encorajar o participante a aceder às suas crenças e objetivos prévios e a confrontá-los com a situação atual, reforçando a adequação da PolMar_GMVS_PT

como ferramenta de investigação em contextos de elevada adversidade.

Esta característica distingue a GMVS de outros instrumentos que apenas recolhem perceções num único momento. No presente estudo, a comparação entre presente, passado e alteração percebida (i.e., violação) não só captou discrepâncias de sentido, mas também promoveu um processo de reflexão individual nos participantes, levando-os a elaborar e clarificar as suas próprias crenças e objetivos. Tal efeito é relevante em contextos profissionais onde valores e objetivos raramente são explicitados, tal como proposto por Park (2010). A implicação é que a PolMar_GMVS_PT pode funcionar simultaneamente como medida e como catalisador de reflexão, abrindo possibilidades para a sua utilização também em contextos clínicos ou formativos.

Os itens relativos a crenças, como “mundo justo” (item 1), “crença em Deus” (item 3) ou perceção “controlo da sua própria vida” (item 4), foram em geral compreendidos de forma adequada e responderam de forma consistente a experiências passadas ou crenças já estruturadas. Isto sugere que a PolMar_GMVS_PT manteve uma clareza suficiente em domínios conceptualmente mais familiares, indicando que o processo de tradução e adaptação não comprometeu a inteligibilidade dos itens. No entanto, alguns itens mostraram maiores desafios de interpretação. O mais evidente foi a perceção de “outras forças que controlam o mundo” (item 2), cuja formulação foi inicialmente entendida por alguns participantes de modo estritamente espiritual. Nestes casos, os próprios participantes solicitaram esclarecimento durante a entrevista, e a investigadora apenas reforçou a possibilidade de múltiplas leituras (por exemplo, espirituais, económicas ou políticas), sem restringir a interpretação a uma dimensão específica. Este resultado mostra que a tradução literal não elimina ambiguidades semânticas e confirma que o item funciona como um campo aberto de interpretação. Tal constatação está em consonância com as orientações de adaptação transcultural (Sousa & Rojjanasrirat, 2011) e com o observado na adaptação árabe da GMVS, em que mediadores culturais

desempenharam um papel essencial para assegurar a compreensão adequada às referências socioculturais dos participantes (Matos et al., 2022a).

Ainda mais desafiante foi a parte da escala dedicada a objetivos de vida. Muitos participantes mostraram dificuldade em formular metas explícitas, com hesitações e longas pausas. Este padrão sugere que, em várias situações, os objetivos não estavam conscientemente estruturados ou verbalizados. Nestes casos, a entrevistadora desempenhou um papel de facilitação, solicitando exemplos concretos, clarificando termos e encorajando o participante a relacionar os itens com a sua própria experiência. Esse apoio permitiu que os entrevistados verbalizassem dimensões de sentido que até então permaneciam implícitas. Assim, a PolMar_GMVS_PT não atuou apenas como medida, mas também como estímulo reflexivo, confrontando os indivíduos com áreas latentes da sua experiência. A literatura sobre propósito e sentido da vida confirma esta dificuldade, mostrando que se trata de construtos abstratos que muitas vezes requerem apoio contextual e relacional para serem apreendidos (George & Park, 2013, 2016; Wong, 2013, 2016).

As questões de conteúdo, refletidas no tema 2, evidenciam que o intermediador não é apenas um facilitador opcional, mas uma parte integrante da aplicação da PolMar_GMVS_PT, crucial sobretudo em contextos culturalmente específicos. Sem essa mediação, itens potencialmente ambíguos ou construtos abstratos tenderiam a ser interpretados de forma limitada ou errônea (e.g., mensuração da intensidade de crença em vez da dimensão da violação), comprometendo tanto a validade das respostas quanto a riqueza do material qualitativo.

Relativamente aos padrões de resposta observados, o mais frequente foi o reforço de crenças pré-existentes. Muitos participantes não relataram rupturas significativas, mas antes a confirmação de crenças e objetivos já enraizados, como a percepção de que o mundo é injusto. Este resultado aproxima-se da literatura sobre resiliência, que descreve a capacidade de manter

funcionamento estável após adversidade (Bonanno, 2004) e das perspetivas que rejeitam a ideia de ajustamento linear e inevitavelmente doloroso (Wortman & Silver, 1989). Assim, a PolMar_GMVS_PT mostrou-se sensível não apenas para captar violações, mas também intensificações das crenças, um fenómeno menos explorado, mas relevante para compreender trajetórias de ajustamento.

Embora menos frequentes, também se observaram mudanças significativas, como a valorização da paz interior e de novos objetivos de vida. À luz do modelo de atribuição de sentido de Park (2010), estas reavaliações podem ser entendidas como processos de acomodação, nos quais o sentido global é ajustado para integrar experiências, enquanto os casos de reforço se aproximam do processo de assimilação.

A comparação com outros contextos reforça a especificidade desta amostra. Estudos com refugiados e sobreviventes de guerra documentam ruturas mais profundas e desorganizadoras, frequentemente associadas a crenças religiosas ou objetivos educacionais (Matos et al., 2022a, 2022b). Em veteranos de guerra, fenómenos de moral injury estão ligados a violações centrais do sentido, acompanhadas de sentimentos de culpa e vergonha (Litz et al., 2009; Currier et al., 2015). Ao contrário desses contextos, as missões de resgate da PMP parecem favorecer uma integração mais coerente com valores prévios, diminuindo a probabilidade de ruturas drásticas e aumentando a tendência para reforço. Este resultado sugere que a exposição a sofrimento humano extremo não gera inevitavelmente desorganização do sentido, podendo também consolidar recursos internos e fortalecer orientações já existentes, em linha com perspetivas de adaptação resiliente (Bonanno, 2004).

Por fim, destaca-se a importância de que a GMVS seja administrada com mediação. Apesar da simplicidade aparente dos itens, conceitos como “outras forças que controlam o mundo” ou “objetivos de vida” exigem contextualização. Esta conclusão está em linha com as orientações de adaptação transcultural (Sousa & Rojjanasrirat, 2011) e com a adaptação árabe

da GMVS, em que mediadores culturais foram essenciais para assegurar compreensão adequada e salvaguarda emocional dos participantes (Matos et al., 2022a).

Especificidade da profissão de policial e o predomínio do reforço

Um ponto crucial na interpretação dos resultados é a natureza da amostra. Os participantes são profissionais da Polícia Marítima, habituados a lidar com risco, injustiça social e sofrimento humano. Esta exposição prévia poderá ter moldado um sistema de crenças mais realista ou cético quanto à benevolência e previsibilidade do mundo, tal como descrito na literatura sobre trauma vicário e exposição ocupacional prolongada (Figley & Ludick, 2017). De acordo com a teoria dos pressupostos fundamentais de Janoff-Bulman (1989), ruturas ocorrem sobretudo quando os acontecimentos contradizem crenças centrais como “o mundo é justo” ou “o mundo é seguro”. No presente caso, essas crenças parecem já ter sido ajustadas pela experiência profissional, o que reduziu a probabilidade de violações significativas. Assim, a missão funcionou mais como um reforço de convicções existentes do que como uma rutura do sistema de sentido.

A literatura sobre resiliência ocupacional reforça esta explicação. Profissionais de emergência, como polícias e bombeiros, tendem a desenvolver estratégias de *coping* que lhes permitem enfrentar adversidades sem desorganização profunda do sistema de crenças (Larner & Blow, 2011; Matthieu & Ivanoff, 2006). Essa trajetória aproxima-se do modelo de resiliência de Bonanno (2004), que descreve a capacidade de manter estabilidade psicológica mesmo em contextos adversos.

Esse padrão contrasta com o observado em refugiados sírios (Matos et al., 2022a, 2022b) e em veteranos de guerra (Litz et al., 2009), nos quais predominam experiências de violação e fenómenos de moral injury. Nesses grupos, a intensidade do trauma (perda de lar, exílio, combate direto, dilemas morais) desafia de forma radical as crenças centrais de segurança, justiça e controlo, o que leva a ruturas muito mais visíveis.

O predomínio do reforço nos resultados encontrados parece refletir tanto a especificidade da missão humanitária (menos disruptiva do que a experiência da guerra ou deslocamento forçado) quanto a identidade ocupacional dos participantes, que já possuíam crenças mais consolidadas sobre a dureza e injustiça do mundo. Nesse sentido, os dados sugerem que a GMVS capta não apenas discrepâncias, mas também intensificações do sentido, um aspeto menos explorado na literatura e que merece maior atenção em futuros estudos comparativos.

Conclusão

Este estudo explorou a adequação da versão portuguesa da *Global Meaning Violations Scale* (GMVS) no contexto específico de profissionais da Polícia Marítima envolvidos em missões humanitárias no Mediterrâneo. Mais do que discrepâncias no sistema de sentido, os resultados mostraram sobretudo um reforço das convicções centrais destes participantes, sugerindo que as experiências vividas foram, em grande medida, integradas como coerentes com valores e crenças pré-existentes. Ainda assim, observaram-se casos de alteração efetiva, indicando que a escala é sensível a captar tanto reforços como mudanças. A análise confirmou também que a aplicação da GMVS requer mediação, já que a compreensão de conceitos abstratos como crenças globais ou objetivos de vida implicou apoio contextual da entrevistadora.

Este trabalho acrescenta três contributos principais. Primeiro, sugere que PolMar_GMVS_PT tem potencial para captar tanto reforços como violações de sentido. Contudo, na presente amostra, profissionais da Polícia Marítima, predominou o reforço das crenças centrais, provavelmente associado a uma visão mais realista do mundo desenvolvida no exercício profissional. Este resultado sugere que a predominância do reforço pode estar associada às características específicas desta população, pelo que investigações futuras devem

explorar se este padrão se repete noutros grupos.

Segundo, os resultados sugerem que, em contextos de elevada exigência emocional, mas não diretamente ligados ao combate, pode emergir uma predominância do reforço em vez da rutura. Este padrão, observado na presente amostra, contrasta com estudos em refugiados (Matos et al., 2022a, 2022b) e veteranos de guerra (Litz et al., 2009), nos quais se verificaram mais frequentemente violações profundas de sentido. Esta diferença aponta para a relevância de considerar o tipo de exposição traumática na interpretação dos processos de construção e preservação do sentido.

Terceiro, os resultados reforçam que a aplicação da PolMar_GMVS_PT deve ser mediada para assegurar compreensão adequada e segurança emocional. Em conjunto, estes contributos destacam o potencial da PolMar_GMVS_PT tanto para investigação como para prática clínica.

Implicações clínicas

Os resultados obtidos oferecem várias implicações relevantes para a prática clínica. Em primeiro lugar, mostram que experiências potencialmente traumáticas podem conduzir tanto a discrepâncias como a reforços no sistema de sentido, sendo crucial diferenciar estas trajetórias no contexto clínico. Esta distinção é fundamental na avaliação clínica, pois ajuda a diferenciar trajetórias de ajustamento resiliente de situações em que há risco de sofrimento psicológico significativo. Em segundo lugar, a necessidade de mediação na aplicação da PolMar_GMVS_PT destaca a importância de profissionais treinados no uso de instrumentos de avaliação em contextos de trauma. A presença de um clínico ou investigador experiente garante não só a compreensão dos itens, mas também a segurança emocional dos participantes durante o processo. Finalmente, num mundo cada vez mais globalizado, os clínicos são confrontados com uma diversidade crescente de pessoas expostas a eventos traumáticos, como refugiados, migrantes ou sobreviventes de catástrofes. Neste contexto, compreender de que

forma diferentes populações integram ou questionam os seus sistemas de crenças é essencial para desenvolver intervenções culturalmente sensíveis. O presente estudo sugere que instrumentos como a PolMar_GMVS_PT podem apoiar esse trabalho, ajudando a mapear não apenas discrepâncias, mas também processos de reforço, o que pode orientar práticas de prevenção e acompanhamento psicológico mais ajustadas às necessidades específicas de cada grupo.

Limitações e futuras direções

É importante considerar algumas limitações neste estudo. Embora a dimensão da amostra seja adequada ao carácter exploratório e qualitativo deste estudo, reconhece-se que o número reduzido de participantes limita a generalização dos resultados quantitativos. Futuras investigações com amostras mais amplas permitirão clarificar a robustez dos resultados aqui observados. Em segundo lugar, a versão adaptada em português da GMVS ainda não passou por um processo completo de validação psicométrica. Em terceiro lugar, a recolha de dados foi intermediada por uma entrevistadora. Esta opção foi crucial para garantir a correta compreensão dos itens da PolMar_GMVS_PT, dada a natureza abstrata e complexa dos construtos avaliados, assegurando a validade conceptual das respostas. No entanto, reconhece-se que a presença de uma jovem investigadora, particularmente num estudo com profissionais, maioritariamente homens, de uma organização que valoriza a resiliência, pode também ter introduzido potenciais enviesamentos, como o de desejabilidade social. Ou seja, os participantes poderão ter estado mais inclinados a dar respostas que percecionavam como socialmente adequadas, em detrimento de experiências mais vulneráveis.

Estudos futuros devem incluir amostras mais diversificadas, abrangendo populações expostas a trauma direto (militares de combate, sobreviventes de catástrofes, profissionais de emergência), isto permitirá clarificar se o padrão de reforço observado é específico deste grupo.

Adicionalmente, recomenda-se a integração da PolMar_GMVS_PT com outras medidas validadas de crescimento pós-traumático e de *coping*, de forma a mapear com maior precisão as trajetórias distintivas de ajustamento após adversidade e o papel único do *meaning-making*. Do ponto de vista metodológico, e para contornar os limites inerentes a questionários, a implementação de estudos mistos (que combinem, por exemplo, questionários autoadministrados e anónimos com entrevistas qualitativas) poderia enriquecer a compreensão dos significados atribuídos, reduzindo o risco de impor categorias demasiado abstratas ou culturalmente situadas (Matos et al., 2022), bem como mitigar os efeitos da desejabilidade social. Por fim, e diretamente relacionado com a validação da escala, seria crucial explorar a adaptação e aplicação da GMVS em contextos clínicos e transnacionais, dada a frequência com que os profissionais de saúde mental lidam com populações traumatizadas culturalmente diversas.

Em síntese, este estudo contribui para afirmar a utilidade da PolMar_GMVS_PT, mostrando que a escala tem capacidade para captar não só discrepâncias do sentido global, mas também os processos de reforço de crenças e objetivos específicos, podendo constituir um recurso valioso para investigação e para a prática clínica em contextos culturalmente diversos.

Referências

- Affleck, G., & Tennen, H. (1996). Construing benefits from adversity: Adaptational significance and dispositional underpinnings. *Journal of Personality*, *64*(4), 899–922. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1996.tb00948.x>
- Alimujiang, A., Wiensch, A., Boss, J., Fleischer, N. L., Mondul, A. M., McLean, K., & Pearce, C. L. (2019). Association between life purpose and mortality among US adults older than 50 years. *JAMA network open*, *2*(5), e194270-e194270. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2019.4270>
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., text rev.; DSM-5-TR). American Psychiatric Publishing.
- Bonanno, G. A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychologist*, *59*(1), 20–28. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.1.20>
- Bonanno, G. A., Westphal, M., & Mancini, A. D. (2011). Resilience to loss and potential trauma. *Annual Review of Clinical Psychology*, *7*(1), 511–535. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032210-104526>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, *3*(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Currier, J. M., Holland, J. M., & Neimeyer, R. A. (2006). Sense-making, grief, and the experience of violent loss: Toward a mediational model. *Death studies*, *30*(5), 403-428. <https://doi.org/10.1080/07481180600614351>
- Currier, J. M., Holland, J. M., & Malott, J. (2015). Moral injury, meaning making, and mental health in returning veterans. *Journal of Clinical Psychology*, *71*(3), 229–240. <https://doi.org/10.1002/jclp.22134>
- Davis, C. G., Nolen-Hoeksema, S., & Larson, J. (1998). Making sense of loss and benefiting

- from the experience: Two construals of meaning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(2), 561–574. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.2.561>
- Dias, E. N., & Pais-Ribeiro, J. L. (2019). Coping model of Folkman and Lazarus: Historical and conceptual aspects. *Revista Psicologia e Saúde*, 11(2), 55–66. <https://doi.org/10.20435/pssa.v11i2.642>
- Disabato, D. J., Kashdan, T. B., Short, J. L., & Jarden, A. (2017). What predicts positive life events that influence the course of depression? A longitudinal examination of gratitude and meaning in life. *Cognitive Therapy and Research*, 41(3), 444–458. <https://doi.org/10.1007/s10608-016-9785-x>
- Edmondson, D., Chaudoir, S. R., Mills, M. A., Park, C. L., Holub, J., & Bartkowiak, J. M. (2011). From shattered assumptions to weakened worldviews: Trauma symptoms signal anxiety buffer disruption. *Journal of Loss and Trauma*, 16(4), 358–385. <https://doi.org/10.1080/15325024.2011.572030>
- Figley, C. R., & Ludick, M. (2017). Secondary traumatization and compassion fatigue. In S. N. Gold (Ed.), *APA handbook of trauma psychology: Foundations in knowledge* (Vol. 1, pp. 573–593). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000019-029>
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Dunkel-Schetter, C., DeLongis, A., & Gruen, R. J. (1986). Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(5), 992. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.5.992>
- Frankl, V. E. (2005). *O homem em busca de um sentido* (A. Leite, Trad.). Lua de Papel. (Obra original publicada em 1946)
- George, L. S., & Park, C. L. (2013). Are meaning and purpose distinct? An examination of correlates and predictors. *The Journal of Positive Psychology*, 8(5), 365–375.

<https://doi.org/10.1080/17439760.2013.805801>

- George, L. S., & Park, C. L. (2016). Meaning in life as comprehension, purpose, and mattering: Toward integration and new research questions. *Review of General Psychology, 20*(3), 205–220. <https://doi.org/10.1037/gpr0000077>
- Greinacher, A., Derezza-Greeven, C., Herzog, W., & Nikendei, C. (2019). Secondary traumatization in first responders: a systematic review. *European Journal of Psychotraumatology, 10*(1), 1562840. <https://doi.org/10.1080/20008198.2018.1562840>
- Holland, J. M., Currier, J. M., Coleman, R. A., & Neimeyer, R. A. (2010). The Integration of Stressful Life Experiences Scale (ISLES): Development and initial validation of a new measure. *International Journal of Stress Management, 17*(4), 325–352. <https://doi.org/10.1037/a0020892>
- Hooker, S. A., Masters, K. S., & Park, C. L. (2018). A meaningful life is a healthy life: A conceptual model linking meaning and meaning salience to health. *Review of General Psychology, 22*(1), 11–24. <https://doi.org/10.1037/gpr0000115>
- Huerta, C. (2023). *Impacto psicológico das missões de salvamento de refugiados na Polícia Marítima* [Dissertação de mestrado, ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. Repositório ISPA. <https://hdl.handle.net/10400.12/9464>
- International Test Commission (2018). The ITC Guidelines for Translating and Adapting Tests (Second Edition). *International Journal of Testing, 18*(2), 101-134. <https://doi.org/10.1080/15305058.2017.1398166>
- Janoff-Bulman, R. (1989). Assumptive worlds and the stress of traumatic events: Applications of the schema construct. *Social Cognition, 7*(2), 113–136. <https://doi.org/10.1521/soco.1989.7.2.113>
- Larner, B., & Blow, A. (2011). A model of meaning-making coping and growth in combat

- veterans. *Review of General Psychology*, 15(3), 187–197.
<https://doi.org/10.1037/a0024810>
- Lee, V., Cohen, S. R., Edgar, L., Laizner, A. M., & Gagnon, A. J. (2006). Meaning-making intervention during breast or colorectal cancer treatment improves self-esteem, optimism, and self-efficacy. *Social science & medicine*, 62(12), 3133–3145.
<https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2005.11.041>
- Litz, B. T., Stein, N., Delaney, E., Lebowitz, L., Nash, W. P., Silva, C., & Maguen, S. (2009). Moral injury and moral repair in war veterans: A preliminary model and intervention strategy. *Clinical Psychology Review*, 29(8), 695–706.
<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2009.07.003>
- Martela, F., & Steger, M. F. (2016). The three meanings of meaning in life: Distinguishing coherence, purpose, and significance. *The Journal of Positive Psychology*, 11(5), 531–545. <https://doi.org/10.1080/17439760.2015.1137623>
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização do SPSS* (3.^a ed.). Edições Sílabo.
- Mathieu, M. M., & Ivanoff, A. (2006). Using stress, appraisal, and coping theories in clinical practice: Assessments of coping strategies after disasters. *Brief Treatment & Crisis Intervention*, 6(4), 337–348. <https://doi.org/10.1093/brief-treatment/mhl009>
- Matos, L., Água, J., Sinval, J., Park, C. L., Indart, M. J., & Leal, I. (2022a). Assessing meaning violations in Syrian refugees: A mixed-methods cross-cultural adaptation of the Global Meaning Violations Scale–ArabV. *Journal of Traumatic Stress*, 35(4), 1201–1214.
<https://doi.org/10.1002/jts.22819>
- Matos, L., Indart, M. J., Park, C. L., & Leal, I. (2022b). “That is not my country anymore”: Pre- and postdisplacement trauma, stressors, and distress in war-affected Syrian civilians. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 14(1), 80–90. <https://doi.org/10.1037/tra0001031>

- McDonald, M. J., Wong, P. T., & Gingras, D. T. (2013). *Meaning-in-life measures and development of a brief version of the Personal Meaning Profile*. In *The human quest for meaning* (pp. 357–382). Routledge.
- Neimeyer, R. A., Baldwin, S. A., & Gillies, J. (2006). Continuing bonds and reconstructing meaning: Mitigating complications in bereavement. *Death Studies, 30*(8), 715–738. <https://doi.org/10.1080/07481180600848322>
- Nolen-Hoeksema, S. (1991). Responses to depression and their effects on the duration of depressive episodes. *Journal of Abnormal Psychology, 100*(4), 569–582. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.100.4.569>
- Park, C. L. (2010). Making sense of the meaning literature: An integrative review of meaning making and its effects on adjustment to stressful life events. *Psychological Bulletin, 136*(2), 257–301. <https://doi.org/10.1037/a0018301>
- Park, C. L., & Folkman, S. (1997). Meaning in the context of stress and coping. *Review of General Psychology, 1*(2), 115–144. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.1.2.115>
- Park, C. L., Edmondson, D., Fenster, J. R., & Blank, T. O. (2008). Meaning making and psychological adjustment following cancer: The mediating roles of growth, life meaning, and restored just-world beliefs. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 76*(5), 863–871. <https://doi.org/10.1037/a0013348>
- Park, C. L., & George, L. S. (2013). Assessing meaning and meaning making in the context of stressful life events: Measurement tools and approaches. *The Journal of Positive Psychology, 8*(6), 483–504. <https://doi.org/10.1080/17439760.2013.830762>
- Park, C. L., Riley, K. E., George, L. S., Gutierrez, I. A., Hale, A. E., Cho, D., & Braun, T. D. (2016). Assessing disruptions in meaning: Development of the global meaning violation scale. *Cognitive Therapy and Research, 40*(6), 831–846. <https://doi.org/10.1007/s10608-016-9794-9>

- Papazoglou, K., & Tuttle, B. M. (2018). Fighting Police Trauma: Practical Approaches to Addressing Psychological Needs of Officers. *Sage Open*, 8(3). <https://doi.org/10.1177/2158244018794794>
- Ramos, C., Leal, I., Marôco, A. L., & Tedeschi, R. G. (2016). The Posttraumatic Growth Inventory: Factor structure and invariance in a sample of breast cancer patients and in a non-clinical sample. *The Spanish Journal of Psychology*, 19, E64. <https://doi.org/10.1017/sjp.2016.65>
- Sherman, AC, & Simonton, S. (2012). Efeitos do significado pessoal entre pacientes em cuidados primários e especializados: associações com resultados psicossociais e físicos. *Psicologia e Saúde*, 27 (4), 475-490. <https://doi.org/10.1080/08870446.2011.592983>
- Sousa, V. D., & Rojjanasrirat, W. (2011). Translation, adaptation and validation of instruments or scales for use in cross-cultural health care research: a clear and user-friendly guideline. *Journal of evaluation in clinical practice*, 17(2), 268-274. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2753.2010.01434.x>
- Southwick, S. M., Bonanno, G. A., Masten, A. S., Panter-Brick, C., & Yehuda, R. (2014). Resilience definitions, theory, and challenges: Interdisciplinary perspectives. *European Journal of Psychotraumatology*, 5(1), Article 25338. <https://doi.org/10.3402/ejpt.v5.25338>
- Steger, M. F., & Frazier, P. (2005). Meaning in life: One link in the chain from religiousness to well-being. *Journal of Counseling Psychology*, 52(4), 574–582. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.52.4.574>
- Taylor, S. E. (1983). Adjustment to threatening events: A theory of cognitive adaptation. *American Psychologist*, 38(11), 1161–1173. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.38.11.1161>

- Taylor, S. E., & Brown, J. D. (1988). Illusion and well-being: A social psychological perspective on mental health. *Psychological Bulletin*, *103*(2), 193–210. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.2.193>
- Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (1996). The Posttraumatic Growth Inventory: Measuring the positive legacy of trauma. *Journal of Traumatic Stress*, *9*(3), 455–471. <https://doi.org/10.1002/jts.2490090305>
- Tedeschi, R. G., & Calhoun, L. G. (2004). Posttraumatic growth: Conceptual foundations and empirical evidence. *Psychological Inquiry*, *15*(1), 1–18. https://doi.org/10.1207/s15327965pli1501_01
- Thompson, S. C., & Janigian, A. S. (1988). Life schemes: A framework for understanding the search for meaning. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *7*(2–3), 260–280. <https://doi.org/10.1521/jscp.1988.7.2-3.260>
- Wong, P. T. (2013). Toward a dual-systems model of what makes life worth living. In P. T. P. Wong (Ed.), *The human quest for meaning* (pp. 3–22). Routledge.
- Wong, P. T. (2016). Meaning-seeking, self-transcendence, and well-being. In *Logotherapy and existential analysis: Proceedings of the Viktor Frankl Institute*. https://doi.org/10.1007/978-3-319-29424-7_27
- Wortman, C. B., & Silver, R. C. (1989). The myths of coping with loss. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *57*(3), 349–357. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.57.3.349>

Anexo

Anexo 1 – Global Meaning Violation Scale - PolMar_GMVS_PT

Nº de participante: _____

Data: _____

Global Meaning Violation Scale - PolMar_GMVS_PT

Escala de Violação de Sentido Global

Tendo por referência a participação em missão(ões) no Mar Mediterrâneo, o objetivo desta escala é avaliar em que medida as suas crenças e objetivos de vida se poderão ter alterado antes e após a missão.

CRENÇAS

	1. Nada	2. Pouco	3. Nem muito nem pouco	4. Muito	5. Totalmente
1. Em que medida a participação nas missões alterou a sua perceção de o mundo ser justo ?					
a. <i>Antes</i> da Missão considerava o mundo justo? _____ b. Considera <i>atualmente</i> que o mundo é justo? _____ c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
2. Em que medida a participação nas missões alterou a sua perceção de que existem outras forças que controlam o mundo/os acontecimentos à sua volta ?					
a. <i>Antes</i> da Missão qual era a sua perceção de que outras forças controlam o mundo? _____ b. Considera <i>atualmente</i> que outras forças controlam o mundo? _____ c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
3. Em que medida a participação nas missões alterou a sua crença em Deus ?					
a. <i>Antes</i> da Missão era crente em Deus? _____ b. <i>Atualmente</i> crê em Deus? _____ c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
4. Em que medida a participação nas missões alterou a sua perceção de ter controlo sobre a sua própria vida ?					
a. <i>Antes</i> da Missão sentia-se em controlo da sua própria vida? _____ b. <i>Atualmente</i> sente que tem controlo sobre a sua vida? _____ c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
5. Em que medida a participação nas missões alterou a sua perceção do mundo enquanto lugar bom e seguro ?					
a. <i>Antes</i> da Missão sentia que o mundo era um lugar bom e seguro? _____ b. <i>Atualmente</i> sente que o mundo é bom e seguro? _____ c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					

Nº de participante: _____

Data: _____

OBJETIVOS

Em que medida é que a participação nas Missões no Mar Mediterrâneo interferiu com a sua capacidade de alcançar os seguintes **objetivos, metas ou valores**:

	1. Nada	2. Pouco	3. Nem muito nem pouco	4. Muito	5. Totalmente
6. Apoio social e comunitário					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
7. Capacidade de se aceitar a si próprio/a (autoaceitação)					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
8. Saúde física					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
9. Paz interior					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
10. Realização educacional/ académica					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
11. Realização profissional					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
12. Realização criativa ou artística					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					
13. Intimidade (proximidade emocional)					
a. Objetivo <i>antes</i> da Missão: _____ b. Objetivo <i>atualmente</i> : _____					
c. De 1 a 5, quanto se alterou: _____ Notas: _____					